

LEANDRO GOMES DE BARROS

---

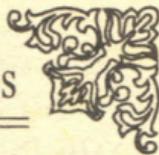
CASAMENTO E DIVÓRCIO DA  
**LAGARTIXA**



Editado em Fortaleza em Dezembro de 1999 - Tiragem Limitada



Leandro Gomes de Barros



# Casamento e Divórcio da LAGARTIXA

Não há quem viva no mundo  
Que não deseje gozar  
Desde o velho à criancinha  
Quer a vida desfrutar  
E tudo aspira o amor  
Porque viver diz amar!

Disse a Lagartixa um dia:  
"Eu só ficarei solteira  
Se não achar nesta terra  
Um diabo que me queira,  
Procurarei desde as casas  
Até o largo da feira."

"Mamãe com quarenta anos  
Estava ficando "titia"  
Mas tomou um cachaça  
Da mais forte que havia,  
Foi à feira, achou papai,  
Voltou rica neste dia."

“É o que eu faço também...  
Tomo um dia uma cachaça  
Vou para a porta da rua  
Ali nem mosquito passa  
E só volto com um marido  
Ou emprestado ou de graça.”

"Mamãe dizia uma coisa  
Que eu achava muito exato:  
- Quando faltar o cachorro  
Se pode caçar com gato  
E não tem um desses dois  
Então bota a mãe no mato."

Uma tia disse a ela:  
- Minha filha, não se veixe!  
Respondeu a Lagartixa:  
O que vier na rede é peixe,  
Eu vou procurar marido  
Se achar muito trago um feixe.

A Lagartixa então saiu  
Vendendo azeite às canadas,  
Encontrou com o Calango,  
Uma alma dispersada  
Que andava com a moléstia  
Procurando namorada.

O Calango suspirava  
Pela vida de casado,  
A Lagartixa também

Tinha se desenganado,  
Que não acharia nunca  
Quem fosse seu namorado.

Quando o Calango viu ela  
Ficou todo animado  
Disse consigo: Já sei  
Hoje volto transformado...  
Também disse a Lagartixa:  
Já encontrei namorado...

Cumprimentaram-se ambos  
Com grande contentamento,  
O Calango com requebros,  
Ela com derretimento,  
Com cerimônia um do outro  
Não trataram em casamento.

Ela perguntou-lhe apenas  
Como ele se chamava,  
Ele perguntou a ela  
Onde o pai dela morava,  
Se a mãe não tinha ciúme  
Quando ela passeava.

Respondeu a Lagartixa:  
- Papai faz cara feia,  
Tem dias que ele se zanga  
Jura de meter-me a peia,  
Mas eu saio na lua nova  
E volto na lua cheia...

Era um namoro rombudo...  
Ela chamava neguinho,  
Calango flocava a cauda,  
Pedia a ela um beijinho...  
A Lagartixa dizia  
- Espere aí, meu anjinho!

O velho às vezes dizia:  
- Eu quero sinceridade;  
A mãe dela então dizia:  
- Meu velho, isso é bestidade,  
Rapaz brincar com uma moça  
São coisas da mocidade.

Você já está esquecido  
Do tempo do nosso amor?  
Eu era com uma abelha  
Você como um beija flor!  
Eu desfrutava em seus braços  
O mais suave calor!

A mãe afrouxava ela  
Sendo uma moça solteira,  
Calango dava-lhe o braço  
Iam passear na feira,  
Se a fome não os apertasse  
Passavam a semana inteira.

O pai de nada sabia  
Porque vivia por fora,  
Calango meteu-se a dentro

Como quem diz: - É agora!  
O velho de longe assim,  
Não vê se a filha namora.

Ora, o pai da Lagartixa  
Era um pobre analfabeto,  
Entendia que o Calango  
Fosse um mulato correto,  
Quando veio abrir os olhos  
Foi tarde, já tinha neto.

E foi o velho Lagarto  
Queixar-se à autoridade,  
Dizendo que o Calango  
Fez-lhe aquela falsidade,  
Desonrou a sua filha  
Sendo menor de idade.

Nesse tempo o Cururu  
Era subdelegado,  
O velho foi lá chorando  
Porque andava injuriado,  
O Cururu disse: Volte,  
Que você será vingado...

O Calango conhecendo  
Do jeito que a coisa ia  
E sabendo que a justiça  
Com certeza o prendia  
Disse: - Uma retirada  
É sinal de valentia.

Aí saiu o Calango  
Pelo mundo foragido  
A Lagartixa também  
Se pôs ao fresco escondido,  
Tanto que quando voltou  
Já foi com outro marido.

Pensou consigo o Calango:  
- Não devia ser ingrato,  
E não voltando dali  
Seria como de fato  
E mesmo era covarde  
Se não saísse do mato.

A Lagartixa o amava  
Com tanta sinceridade,  
Pois desde a primeira vista  
Que lhe tomou amizade  
E assim era Calango  
Baixar a dignidade.

Quando o Calango voltou  
Achou um "rôlo" tremendo,  
A Lagartixa lhe disse:  
- Fiz uma que me arrependo,  
Já dei com os burros n'água  
Mas deixe estar, que eu me  
emendo.

A Lagartixa por isso  
Levou três surras de peia,  
Calango também passou

Oito dias na cadeia  
Para deixar o costume  
De namorar filha alheia.

Casou-se sempre o Calango  
Embora fosse obrigado,  
Botou um grande negócio  
Tratou de ser homem honrado,  
A Lagartixa em três dias  
Vendeu dali tudo fiado.

O Calango comprou tudo  
Fiado ao Camaleão  
Entregou à Lagartixa  
Foi tratar de uma eleição  
Quando voltou não achou  
Nem onde tinha a armação

Até o próprio balcão  
Ela o tinha empenhado,  
Deu para embrulhar sabão  
Com o livro do apurado  
Os utensílios da venda  
Tudo já tinha voado.

O Calango com aquilo  
Entristeceu de repente  
Exclamou: - Mulher danada  
Você me deixou doente,  
Me diga agora que conta  
Presto eu ao seu parente?

A Lagartixa lhe disse:  
Não precisa se vexar,  
Seu primo Camaleão  
Por isso não vai lhe dar,  
Dê-lhe uma satisfação  
Diga que vai arranjar...

O Calango respondeu,  
Eu não passo por velhaco...  
Respondeu a Lagartixa:  
Você ainda dá cavaco?  
Os calotes no comércio  
Hoje se chamam "buraco".

Então o Calango disse:  
Veja se bota o almoço...  
Respondeu-lhe a Lagartixa:  
Tenha paciência, moço  
À falta de dois vinténs  
Eu ontem comi ensosso.

E se você voltou liso  
Dana-se agora o negócio  
Pode arrumar a trouxa  
E vamos abrir o divórcio,  
Caixeiro sem capital  
Só nos lucros será sócio.

Marido sem nem um "X"  
Não quero que não me acode,  
Não tem que ficar zangado

Nem que puxar o bigode,  
Mulher hoje em dia é luxo  
E luxo só tem quem pode.

Mamãe dizia ao papai:  
"Se estiver aborrecido  
me avise logo com tempo  
e pode ficar prevenido,  
da forma que eu mudo a saia  
também mudo de marido".

E note bem que já fez  
Mais de um mês que estou casada  
E não agüento mais  
Esta vida assim privada,  
Trabalhar para comer"?  
Vou-te, seu Zé, vai lá nada...

O Calango disse a ela:  
**Mulher, não fale em divórcio!**  
Respondeu-lhe a Lagartixa:  
Você parece um beócio...  
Escolha de duas uma:  
Ou deixá-lo ou dar-lhe um sócio.

Agora estou conhecendo  
Que a vida é uma pilhéria,  
Antes viúva contente  
Do que conservar-se séria,  
Quem adotar meu sistema  
Nunca se vê na miséria.

Com quatro coisas no mundo  
Eu tenho me encabulado:  
Com candeeiro vazando,  
Com fogão desmantelado,  
Com almofada sem birros  
E homem desempregado.

Disse o Calango: É bonito  
Você se divorciar,  
Abandonar seu marido  
E o povo a censurar,  
Seu nome ficar na rua  
Gato e cachorro a falar.

Disse então a Lagartixa:  
Deixe queimarem meu nome,  
Eu não quero é que se diga  
Esta danada não come  
De que dizer-se é honrada  
Mas está morrendo a fome.

O Calango ali ficava  
Que nem podia falar,  
Quando ouvia ela dizer  
"eu vou me divorciar"  
puxava tanto as barbas  
que só faltava arrancar.

Dizia ela: Rapaz  
Não se veixe, isto é asneira,  
Existem duas farturas:

É de mulher e poeira,  
Debaixo de qualquer ponte  
Você acha, tantas queira.

Mulher feia e homem ruim  
Isto todo dia aumento,  
A fartura já é tanta,  
Que o mundo não agüenta,  
Eu fui ver se achava um  
Encontrei mais de quarenta.

Disse o Calango: Meu pai  
Tão bem casado viveu!  
A Lagartixa lhe disse:  
Então era como o meu...  
Mamãe tinha dez maridos,  
Nove foi papai quem deu.

O namoro suja o nome  
Eu conheço que é exato,  
Mas eu não tendo dinheiro  
Namoro cachorro e gato,  
Do ar só deixa urubu  
E da terra carrapato.

Por favor ouça mais essa,  
Se não for verdade, diga,  
- Capricho familiar  
resulta sempre em intriga,  
honestidade não veste,  
honra não enche barriga.

O Calango disse a ela:  
Minha mãe viveu honrada  
Se acabou nua e com fome,  
Porém nunca foi manchada...  
Respondeu a Lagartixa:  
Também morreu desgraçada.

Minha avó morreu velhinha  
Porém no lugar que ia  
Quinze, vinte namorados  
Todas as vezes trazia  
Fora muitos que ficavam  
Que meu avô não sabia.

E aquela minha prima  
Você sabe ela quem é,  
Casou com Tijuaçu  
Tem filhos de Jacaré,  
Mas nem por isso o marido  
Ainda perdeu-lhe a fé.

Disse o Calango: Você  
Só pensa no que é ruim...  
Respondeu-lhe a Lagartixa  
Meu avô dizia assim:  
O mel por ser bom demais  
As abelhas dão-lhe fim.

Disse o Calango: Já sei,  
Você não quer mais ser minha.  
A Lagartixa lhe disse:

Quando nasci foi sozinha,  
Pegar três e soltar um  
Disso já estou cansadinha.

O Calango perguntou-lhe:  
Tens algum no pensamento?  
Respondeu-lhe a Lagartixa:  
Antes do meu casamento  
Eu já andava aos abraços  
Com seu primo Papa-vento.

Calango então ficou  
De tudo desesperado  
Exclamou em alta voz:  
Papa-vento desgraçado!  
Não respeitou a mulher  
Com quem eu era casado.

Entrou logo numa loja  
Comprou um grande cutelo,  
Ferro que não envergasse  
Nem se quebrasse a martelo  
Mandou chamar Papa-vento  
Para bater-se em duelo.

Limpou as armas bem limpas  
E amolou o facão,  
Escovou o bacamarte  
Apertou o cinturão,  
Muniu bem a cartucheira  
E seguiu na direção.

Levou como testemunha  
O Besouro mangangá  
E avisou ao Papa-vento  
Que se preparasse lá...  
Disse o Papa-vento: Diga-lhe  
Que pode vir, eu estou cá.

Chegou então o Calango  
E falou ao Papa-vento:  
Um de nós descera hoje  
Ao chão do esquecimento,  
Eu já dei terminações  
Até no meu testamento.

Então disse o Papa-vento:  
A vida é quase uma peta  
O risco que corre a broca  
Corre também a marreta,  
Eu não sou como sagüim  
Para morrer com careta

Então disse a Lagartixa:  
Quero ver quem cai primeiro,  
O que ganhar já se sabe  
Que foi o melhor guerreiro,  
Eu corro os bolsos do morto  
Para ver se tem dinheiro.

Calango atirou primeiro  
Papa-vento se livrou,  
Naquele mesmo momento

Nele também atirou;  
Calango era muito destro  
Do tiro se desviou.

Trocaram mais quatro tiros  
Porém nenhum atingiu,  
O Papa-vento puxou  
Pela espada e partiu,  
Logo no primeiro encontro  
A Lagartixa sorriu.

Disse: Bravos, Papa-vento  
Gostei de ver seu sistema,  
Bater logo a ferro frio  
Inda que chore ou gema,  
Naquele momento viram  
O Gato e a Seriema.

O Papa-vento correu  
E subiu por um cipó,  
A Lagartixa, coitada,  
Essa ficou que fez dó,  
A Seriema comeu-a  
Para não deixá-la só.

O Papa-vento saiu  
Que parecia um corisco  
Subiu num cipó e disse:  
Aqui eu não corro risco,  
O Gato foi ao Calango  
E fez dele um bom petisco.

A Seriema pegou  
A Lagartixa no meio  
Saboreou-a no bico  
E ficou de papo cheio,  
Isso resulta à pessoa  
Que sorri do mal alheio.

Papa-vento olhou de cima  
Disse Couro velho espicha,  
Eu ia me desgraçando  
No namoro dessa bicha,  
O diabo é quem quer mais  
Namoro de Lagartixa.

O Calango se acabou,  
Eu quase que tenho fim,  
Lagartixa tão caipora  
Nunca tinha visto assim,  
Mil diabos a carregue  
Para bem longe de mim.

D'agora em diante sei  
Quanto custa namorada,  
Logo a primeira que tive  
Foi assim estuporada,  
A segunda com certeza  
Inda será mais danada.

FIM



O poeta paraibano **Leandro Gomes de Barros**, além de ser considerado pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel.

Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, no dia 04 de março de 1918, deixando um legado de aproximadamente mil folhetos escritos.

Depois de sua morte, a viúva do poeta, D. Venustiniana Aleixo de Barros vendeu os direitos autorais de suas obras a João Martins de Athayde, que passou a publicá-la negando-lhe a autoria, fato que foi em parte reparado nas antologias de Literatura de Cordel publicadas nos últimos 30 anos.



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).